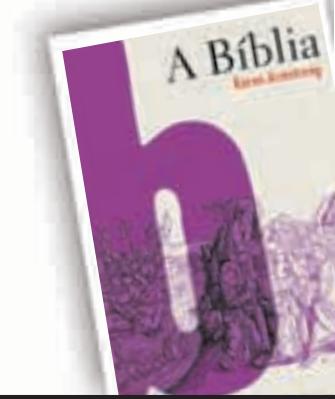


Editor: Carlos Marcelo
pensar@correio.com.br
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

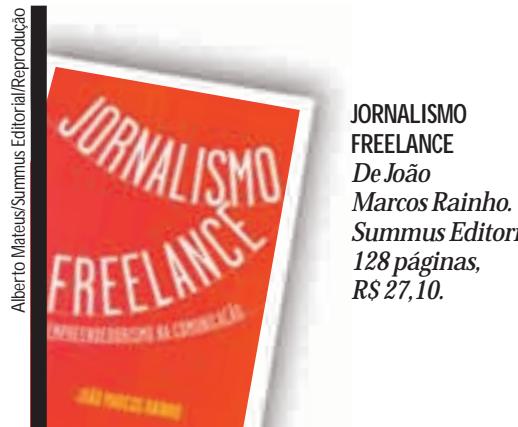
O ensaio



A GRANDE TRANSFORMAÇÃO – O MUNDO NA ÉPOCA DE BUDA, SÓCRATES, CONFÚCIO E JEREMIAS De Karen Armstrong, tradução de Hildegard Feist. Companhia das Letras, 496 páginas. R\$ 63.



A BÍBLIA (UMA BIOGRAFIA) De Karen Armstrong, tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, Jorge Zahar Editor, 278 páginas. R\$ 39,90.



JORNALISMO FREELANCE De João Marcos Rainho, Summus Editorial, 128 páginas. R\$ 27,10.



SOTAQUES D'AQUÉM E D'ALÉM MAR De Manuel Carlos Chaparro, Summus Editorial, 240 páginas, R\$ 44,90.

Em tempos de reestruturação nas empresas de comunicação, este livro se pauta pelo conceito de empreendedorismo para orientar os jornalistas freelances que desejarem prosperar na carreira mesmo fora das redações. Noções de organização empresarial, de desenvolvimento de diversas atividades (pautaço, repórter, editor, revisor) e inclusive de ética se alinharam com dicas básicas, como a preservação de contatos, fontes, padrinhos e se manter bem informado para estar apto a sobrever como fria.



Com militância na imprensa de Brasil e Portugal, o autor propõe um estudo de jornalismo comparado para que se leva em conta nova concepção de gêneros, de modo a romper com a dicotomia entre opinião e informação. A premissa histórica parte do primeiro jornal brasileiro a ser criado, o *Correio Brasiliense*, que Hipólito José da Costa fundou em 1808 e que inicialmente circulava em Portugal. O campo abrange pela pesquisa diretamente ligada às mudanças de gênero, no entanto, se circunscreve ao período entre 1945 e 1995 e inclui os principais jornais brasileiros.



Conhecida pela especialização em semiótica e linguística ligada à cultura russa, a autora detém, neste livro, no estudo da obra e do pensamento do russo Roman Ospovit Jakobson (1896-1982). Um dos importantes intelectuais do século 20, com atuação destinada antes da Revolução bolchevique de 1918, Jakobson era estudioso da linguística e da poética, tendo as palavras e os sons, formadores da linguagem, como ponto de estudos dos antigos idiomas eslavos as modernas línguas faladas no Ocidente.



Com o subtítulo de "Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil", o volume visa a uma exegese das abordagens da imprensa para o tema policial, apresentando os desafios para profissionais e veículos. No momento em que a mídia se volta para a investigação da morte da menina Isabella Nardoni, a procura de fontes que extrapolam a própria polícia, a fuga dos preconceitos e estereótipos, as estatísticas relacionadas à área e temas espinhosos, como suicídios e seqüestros, ganham análise a partir de entrevistas e coleta de dados.

Man Khurshed/Reuters - 3/2/08

RAFAEL BALIARDO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Depois de longos e angustiantes sete anos de embate íntimo, travado no interior de um soturno convento inglês, a jovem britânica Karen Armstrong, então com 25 anos, resolveu jogar a toalha. Era 1969 e chegava ao fim uma década que dispensa lendas. Com a fé fustigada pelo sofrimento decorrente de seu mal-sucedido interlúdio monástico e com a mente em frangalhos por conta do desapontamento com a vida religiosa, a ex-freira abraçava novamente a vida secular em meio à agitada década que não viu acontecer.

Aos 17 anos, em 1962, contrariando a família de raízes irlandesas e de orientação católica não-praticante, Karen, natural da interiorana Wildmoor (cidadezinha pertencente ao condado inglês de Worcestershire), escolheria talvez um caminho árduo demais para a pouca idade e a falta de experiência. Ao ingressar como noviça na ordem religiosa Sociedade do Sagrado Menino Jesus, a jovem não podia prever os anos sombrios e as desilusões sucessivas que teria pela frente. Em 1965, ao confirmar os votos de freira, conseguiu, em paralelo, a autorização da ordem para estudar literatura em Oxford. Contudo nem mesmo essa tomada de fôlego ao frequentar a universidade, a verve acadêmica ou a paixão por poesia conseguiram atenuar a surpresa de Karen com o vazio de sentido dos votos de pobreza e humildade, com a apatia burocrática das irmãs de congregação e tampouco frear a decepção da moça com a aspereza mecânica do clausório.

Conhecida hoje pelos livros sobre religião, Karen Armstrong tem em suas credenciais o apelo dramático que preenche românticamente os perfis resenhados sobre ela "imprensa afora". A "freira em fuga" com a língua afiada que comparou o papa João Paulo II a um fundamentalista islâmico. E que presenteou os ingleses em seu livro de estreia (o inédito no Brasil *Through to the narrow gate*, 1982) com um gênero muito popular por lá: os *tell-all books* (livros que contam tudo), onde jogou a sujeira no ventilador descrevendo a tortura dos anos de clausório, pegando pesado com as freiras e a Igreja Católica.

No Brasil, com parte considerável da obra de Karen publicada pela Companhia das Letras e pela editora Objetiva, são lançados, neste início de ano, quase que simultaneamente por duas editoras distintas, os dois últimos livros da autora: *A grande transformação – O mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias* e *A Bíblia: uma biografia*, pela Jorge Zahar. Na capa da edição brasileira de *A grande transformação*, o nome de Sócrates foi suprimido. Além disso, acaba de ser reeditado, em formato de bolso, *Uma história de Deus* (Companhia das Letras).

É evidente que a aposta não é o peso do nome da escritora. Livros sobre religião sempre foram populares e, nos últimos anos, o interesse foi reciclado por conta do filão aberto pelo viés conspiratório desavergonhado de *O Código da Vinci* (2003), ou pelos encravamentos da brigada atea liderada pelo biólogo inglês Richard Dawkins.

As credenciais biográficas de Armstrong incluem ainda as aguadas sofridas durante seu período cético-materialista, do desligamento da ordem religiosa, passando pelo redescobrimento dos temas mitológicos, até se tornar uma autora de renome. Impedida de lecionar literatura na Universidade de Londres após sua tese de doutoramento sobre o poeta inglês Alfred Tennyson (1809-1892) ser rejeitada em Oxford, teve que lidar com uma epilepsia que sugou todas as suas forças e a obrigou a abandonar o trabalho de diretora de departamento numa escola feminina. Depois de anos, em 1984, as coisas começaram a melhorar quando ela participou da produção de um documentário promovido por um canal inglês sobre a vida do apóstolo Paulo. O trabalho de investigação e as filmagens a levaram a Jerusalém e a fizaram rever suas impressões sobre a religiosidade que rejeitara desde a saída do convento. De lá para cá, fez a reputação escrevendo sobre história das religiões e mitologia. O período entre as "duas vidas" é descrito em *A escada espiral* (2004), um dos best-sellers da autora, uma espécie de revisão da prematuridade de *Through to the narrow gate* e do mal sucedido *Beginning the world* (1983). Aos poucos e naturalmente, ela e seus agentes literários trabalharam sua imagem como uma competente divulgadora focada nas religiões abraâmicas, como estudiosa do fundamentalismo, fenômeno que assola particularmente o culto monetista, e, não menos importante, como militante contra os preconceitos sofridos pelo islamismo no ocidente. Funcionou. Karen Armstrong está mais em evidência do que os livros que escreve.

Escolha das palavras
Em um programa de rádio veiculado há quase dois anos pela conceituada American Public Media, soando como uma cordata senhora na casa dos sessenta anos, Armstrong dispôs de quase uma hora para fazer suas considerações habituais sobre comportamento religioso, fanatismo, ceticismo e espiritualidade ao público médio norte-americano, para uma audiência notoriamente cristã. Escolhendo cada palavra e com a clareza excepcional de uma comunicadora escalada por polêmicas, Karen, em momentos oportunos, deixou evidente a sua relação com os temas sobre os quais construiu uma carreira editorial. "A boa teologia é como poesia", arriscou a escritora em determinado ponto da conversa

Ex-freira, a britânica Karen Armstrong se define como "monoteísta freelancer" e faz sucesso mundialmente com livros polêmicos como *A Bíblia: uma biografia* e o recém-lançado *A grande transformação*



NOS LIVROS, KAREN ARMSTRONG APOSTA NA CLAREZA E NA PESQUISA: "A BOA TEÓLOGIA É COMO POESIA"

CADERNO C

com a radialista que a entrevistava.

A afirmação da autora revela algo sobre o estilo dos seus dois livros mais recentes, *A grande transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias* e *A Bíblia: uma biografia*. O primeiro deles, um ensaio de fôlego calculado na hipótese, defendida ainda na primeira metade do século 20 pelo filósofo alemão Karl Jaspers (1883-1969), de que os alicerces da forma de pensar contemporânea, do estágio cognitivo em que nos encontramos (uma meia-boca entre razão e crença, um meio de caminhar entre racionalidade e comportamento ritualístico) foram estabelecidos entre os séculos 900 e 200 a.C. quando os principais conceitos filosóficos e religiosos surgiiram e forçaram a humanidade a uma nova etapa intelectual: abandonando progressivamente o mito e abraçando à razão mitológico-filosófica. Não evoluímos do mito a uma razão plena como acreditamos.

Trata-se de uma investigação bem articulada pela autora sobre esse período da história quando se consolidaram a filosofia chinesa, o misticismo hindu, o budismo, o monoteísmo hebreu e a filosofia grega. O que afinal aconteceu nesse intervalo de tempo? Há relação entre essas tradições? Qual o grau de similaridade entre esses sistemas de pensamento? Questionando incorreções do próprio Karl Jaspers e estabelecendo eixos coerentes entre uma enorme gama de dados, Karen Armstrong mostra que não é apenas uma mente revisãoista como fara insinuado por criticos.

Ja A Bíblia não é um texto escrito com a mesma atenção ao estilo e aos detalhes de *A grande transformação*. E tão-somente um breve roteiro de oito capítulos curtos que oferecem um panorama de como o livro mais influente na história da humanidade foi escrito, reescrito, editado, reeditado e, sobretudo, compreendido ao longo de um período de mais de dois mil anos. De que forma um compêndio poético e mitológico, composto por inúmeras mãos, chegou aos nossos dias no formato de uma carta de ortodoxias e certezas infantis? Não é uma biografia pomeranizada da Bíblia, mas um resumo eficiente para entender que as Escrituras não podem ser lidas com um desculpo apático. Para começar, qual das Bíblias? A hebreia? A católica? A Bíblia de Genebra? A shakespeareana tradução autorizada pelo rei James no século 18, cujo léxico mudou para sempre a história da língua inglesa?

A vantagem dos títulos de Armstrong em relação a outras obras sobre religião dedicadas ao público leigo é que o levantamento sofisticado de dados promovido pela autora fala por si além da mirabolância de argumentos. E não me refiro ao contorcionismo retórico de *Jesus of Nazareth* (Planeta, 2007) do eminent teólogo Joseph Ratzinger e atual papa Bento XVI. E sim à pertinência das explicações do biólogo Richard Dawkins em *Deus: uma ilusão*, do jornalista Christopher Hitchens em *Deus não é grande* e do filósofo Sam Harris em *Cartas a uma nação cristã*. E ao fato de esses títulos serem urgentes frente ao espaço que a crença ocupa na vida humana contemporânea.

O verdadeiro ceticismo
Na perspectiva de Karen Armstrong, o ateísmo não escapa à crença, e uma crença na não-existência, porém, ainda preso à esfera da fé. Enquanto que o verdadeiro ceticismo, mais próximo do agnosticismo e deslocando o foco dos atos de crer ou descrever, é motivada pela curiosidade em relação ao objeto, e não pela necessidade prévia de defendê-lo ou desconfiá-lo. O ceticismo não é o ato simples de duvidar, mas de se relacionar com a dúvida permanente, administrando certezas provisórias que tornam a vida possível. Nos seus melhores momentos, esses autores nos chamam à lucidez e à razoabilidade e, nos piores, confundem ao examinar o comportamento religioso (um padrão de cognição presente desde a época em que o homem habitava cavernas) com provocações pseudo-teológicas: "Deus não é grande". A ideia não é grande? O equívoco não é grande? Algo para além do conceito é pequeno?

Deus, o *mythos* assombroso que perdura por gerações, nos lembra a autora de *A Bíblia*, é paradoxal demais para ser um simples delírio, mesmo se entendido como absolutamente falso. A ideia de relação entre crença e poesia não é algo exatamente novo. Karen Armstrong não pertence à linhagem, mas paga tributo a uma "escala" de pensadores que surgiu entre as décadas de 1930 e 1950 e que infelizmente teve suas ideias diluídas nos anos 1960 (o período em que ela passou enclausurada no convento) pela "contracultura", pelo senso comum hippie, e nos anos 1990, pela onda new age. Pensadores como Carl Jung, Joseph Campbell, Karl Kerényi e Mircea Eliade que, ao investigar os mitos e a religião, levaram em conta que respostas racionais não esgotavam conclusões sobre o contraditório comportamento humano. Religião e arte são manifestações simultâneas e as mais antigas da linguagem humana. É o encontro das águas entre as duas é a mitologia. Os livros de Armstrong sugerem que nossa irracionalidade está arraigada nas menores colpas. Ou, por acaso, alguém consegue tecer explicações definitivas sobre comportamentos como assistir a um filme de ficção ou torcer para um time de futebol? Por que depois de milênios ainda nos entregamos a representações dessa natureza? Karen Armstrong nos diz que a resposta, perdida em algum ponto do passado ou exilada no futuro, está escrita em versos e em uma língua que ainda não podemos ler.

RAFAEL BALIARDO É JORNALISTA



LIVROS & LEITURAS • SÉRGIO DE SA / SERGIO.SA@TERRA.COM.BR

"POESIA NÃO É PARA COMPREENDER, MAS PARA INCORPORAR"

MANOEL DE BARROS (1916), POETA BRASILEIRO

Mundo desencantado



ALEXANDRE SANDRO/Divulgação

De *cabeça baixa* (Guarda-chuva), estreia do carioca Flávio Izhaki (foto no romance, tem um quê existencialista. Tudo seria normal não fosse o protagonista um jovem escritor em desespero, sempre à deriva, sem vontades. É cada vez mais comum encontrarmos personagens-escritores na prosa brasileira contemporânea. Há quem diga que os leitores da literatura nacional não passam de 3 mil abnegados, aí incluídos os professores e estudantes de letras, que, diga-se, leêm pouco e menos ainda a produção atual.

Sendo assim, desprezados pelo grande público, os aventureiros da escrita ficcional partem em busca do reconhecimento no pequeno clube das palavras. Não sendo obrigados a dar satisfação ao tal do mercado (afinal, inexistente), têm se aproveitado para questionar o lugar do escritor na sociedade, o que ele representa e o significado disso tudo na própria vida.

Izhaki, em 1993, repetiu a estratégia de modo meta-narrativo. Um livro está dentro do livro. O romance *Desencantado* foi um fracasso; palavra importante para pensar o ponto de vista da narrativa, situação literária estimulante. Sem atenção da crítica e longe de qualquer repercussão, o "jovem promissor" Felipe Laranjeiras deixa o Rio para se instalar em Curitiba. As referências aos "simulacros" e ao bairro de Sérgio Sant'Anna são diretas. Abre-se a possibilidade de um linhagem.

Especialmente em suas duas primeiras partes, *De cabeça baixa* tem um clima de ajuste de contas geracional muito parecido com o de *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera. A cidade dura e fria lá fora, eu e minhas circunstâncias aqui dentro – amores soltos, perdidos no tempo, o trabalho que não satisfaz intelectualmente (apenas permite a sobrevivência), a família, se família existe, numa perspectiva afetiva pouco calorosa.

A arte de se apresentar como uma saída cheia de armadilhas. E aí o leitor encontra o sabor amargo do abandono, da desistência, da tristeza em meio a um mundo que nos obriga à felicidade. *De cabeça baixa* é uma pena que anota, as margens das páginas comuns do cotidiano, a difícil experiência da escritura hoje.

Engajado

Em tempo de protestos, derrubadas e ocupações, é curioso que a cidade tenha a chance de ver um documentário sobre Antonio Callado (1917-1997), autor-símbolo da resistência à última ditadura militar, principalmente por conta dos romances *Reflexos do balseiro* e *Bar Do Juan*.

Em *A paixão segundo Callado*, José Ioffly conta a vida do escritor e jornalista a partir de depoimentos de Anna Arruda Callado, Carlos Heyer, Fernanda Montenegro, Ferreira Gullar, Moacyr Werneck de Castro e Caetano Veloso. O filme de 57 minutos será exibido dia 20 de maio, às 14h, no cinema do CCB.

Poesia de VERDADE

ALEXANDRE PILATI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quem conhece a crítica de Michael Hamburger sabe que ele é dado a pontuar seus textos com afirmações fortes.

Em um dos ensaios de *A verdade da poesia*, Hamburger afirma: "...todo poema é experimental, ou não vale a pena ser escrito". Entretanto, ditos como esse, muito embora potencialmente radicais e desafiadores, surgem no texto sem o tom de irresponsabilidade que a sua crítica descontextualizada pode sugerir. Hamburger é um crítico armado como poucos em leituras poéticas, históricas e teóricas, com um grande talento para a articulação do seu conhecimento à leitura do poema e sua situação no contexto social.

O destino de experimentalidade que a modernidade legou ao poema é o objeto central da investigação de Hamburger em *A verdade da poesia*. Segundo o crítico de origem alemã, que nasceu em 1924 e morreu no ano passado, se há alguma verdade na poesia ela gira em torno do dilema, da dúvida, da tensão, do hiato e da contradição. Um poema moderno não responde ao mundo e sim o provoca. É essa série histórica de provocações, a partir da obra fundadora de Baudelaire, que os 10 capítulos da obra perseguem. Para basear sua busca crítica, Hamburger cita oportunamente a defesa que o poeta das *Flors do mal* faz do direito fundamental da poesia: "O direito em que todos estamos interessados - direito de contradizê-los".

Abordando o dilema de Baudelaire, Hamburger inicia seu estudo com um estilo que lembra a natureza de uma forma de literatura, sem cair, todavia, em divagações e incoerências, tão comuns aos l